

Reprise em technicolor

Eleição Presidencial

Wilson Figueiredo

Quase a sucessão encilhava, embora por motivos muito diferentes dos cogitados. Daria ao centenário da República um trejeito de pleonasma. De qualquer forma, a alta da candidatura Fernando Collor de Mello abalou o mercado de títulos eleitorais. Retraíram-se os eleitores que vinham subscrevendo os lançamentos feitos pelos partidos. A praça levou um susto, ao dar de cara com a preferência oculta. É no que dá conversar demais com pesquisas de opinião.

Não foi mais tranqüila a situação dos candidatos que se esforçam em vender os seus papéis num mercado abalado. O grande volume de palpites esta semana não cuidou mais de quem será o vencedor a 15 de novembro. As apostas se concentram por ora na duração dessa inacreditável preferência. Quanto tempo Fernando Collor ficará no alto? Quem subirá, se ele descer? Há quem admita uma vitória definitiva no primeiro turno. Jânio Quadros é outro que anima o movimento de apostas: vai ou não se candidatar? Quanto tempo manterá a sua candidatura? Qual dos dois se firmará na faixa da moralização, e quem sobrará?

Os candidatos ainda não começaram a procurar perto deles os motivos que se espalharam para confundir as aparências. Vitorino Freire (para variar de maranhense ilustre) sacava uma espécie de sofisma de bolso para esconjurar o sobrenatural na política: quem vir jabuti em cima de árvore pode desconfiar de que só foi parar ali por iniciativa de terceiros. A ordem dos quelônios não sobe em árvore.

Candidato não sobe em pesquisa de opinião por encomenda do interessado, mas com a recomendação dos eleitores. Fernando Collor não escalou sozinho essa popularidade toda. Apoiou-se, no mínimo, na comparação feita pelos eleitores entre ele e os concorrentes que se

sentaram em suas respectivas possibilidades, segundo várias cotações de mercado. Subiu, portanto, pelo método comparativo e, se tiver de descer, vai ser por onde subiu: no confronto.

A dificuldade de qualquer candidato bafejado muito cedo pela preferência do eleitor é administrar por longo prazo e vantagem que deixou de ser segredo. A distinção de ser tratado como fenômeno político não imuniza o preferido das pesquisas contra as doenças eleitorais que não poupam nem a honra pessoal.

Enquadra-se na definição genérica de fenômeno qualquer manifestação que seja captada pelos sentidos ou pela consciência. Perde um pouco a aura especial o fenômeno que se apresente acompanhado de explicação convincente. Depois do rebulico que se viu, não há a menor restrição a que as pesquisas sejam equiparadas aos sentidos e à consciência humana como aptas também a reconhecer fenômenos.

Por outra das muitas acepções aceitas, um fato de natureza moral ou social pode ser considerado fenômeno. Acrescente-se, depois da ascensão de Collor e graças às pesquisas, o fato de natureza eleitoral. Pessoa ou objeto com um toque especial ou extraordinário não deixa de ser fenômeno. Em todos os exemplos do que se considere fenômeno, o candidato Fernando Collor pode ser reconhecido. Principalmente por falta de explicação. Que seja tratado como fenômeno até que volte ao natural.

Por se sustentar como fenômeno político e pré-eleitoral, no entanto, Collor precisará de uma boa explicação. Ele não foi parar no alto da preferência dos eleitores pelo que fez e sim pelo que os eleitores supõem que ele possa fazer. O fenômeno se passou verdadeiramente foi na cabeça dos eleitores, cujas idéias não foram penteadas pelo candidato. Como reagirão o candidato e os eleitores, agora que a pesquisa revelou o segredo oculto? Vão manter a preferência: Como fica-se é que fica — o candi-

dato Jânio Quadros, que foi a seu tempo um fenômeno sísmico?

A ascensão de Collor de Mello está sendo vendida e comprada (no sentido de oferecida e procurada) como fenômeno político. Não deixa de ser, mas não está sendo trocada em miúdos. Enquanto não se apoiar em razões objetivas, o que se passa com o candidato se sustentará como fenômeno subjetivo e, portanto, precário. Estaremos realmente diante de um fenômeno político? Ou será a repetição do que se viu em 1960? Se for procurada com critério, a explicação única para os dois casos aparecerá?

Collor está usufruindo as vantagens de ser reverenciado como fenômeno político e predestinado ao sucesso eleitoral — com ou sem Hollywood — na televisão. E se, independente das razões objetivas com as quais ainda não se atinou, o fenômeno se mostrar auto-sustentável? Ai a porca torce o rabo, como diz o ditado. E se o sujeito da oração eleitoral tiver (mas não confessar) razões que o objeto não identificado se recusa a mostrar?

Os demais candidatos vão ter que conviver com o sucesso político de Collor pelo menos até que ele próprio gere o seu insucesso. O preferido das pesquisas dispõe de tempo excessivo para o que tem a dizer. Não deve saber dividir bem o tempo quem junta na mesma data a independência e a proclamação da república, sem se dar conta.

O fenômeno Collor (vá lá, até que se providencie palavra adequada ao sucesso dele) está para a eleição presidencial como a própria gravidade estava para o homem quando Newton ainda não havia formulado a sua lei: os corpos caíam do mesmo jeito em direção ao centro da Terra, mas não sabiam por quê. E nós nem desconfiávamos de que havia uma lei a que obedecíamos sem resmungar.

A falta que todos — candidatos e eleitores — estamos sentindo é da explicação que nos diga a verdade,

nada mais que a verdade. Os candidatos pode ser que prefiram não olhar nos olhos a explicação que reserve franquezas, sempre desagradáveis a quem gosta de se enganar. Candidatos preferem verdade a favor. Os candidatos em percentual desconfortável nas pesquisas ainda não desconfiaram de que são parte ativa da explicação que falta, e que pode ser fornecida também pelo eleitor. Dirijam-se a ele.

Parece mais sensato considerar a situação pelo lado dos candidatos do que pelas deficiências do eleitorado. Por aí se concluiria que os eleitores estão mais uma vez se enganando. Melhor, portanto, fingir que não se percebe. É possível que o eleitor prefira ser enganado por livre escolha e, no caso atual, os trinta anos decorridos desde a última eleição presidencial direta devem esconder a mesma causa. Então não é fenômeno, mas reincidência. Embora se possa explicar de várias maneiras, não é fácil entender que se processe na cabeça de um eleitorado infinitamente maior uma associação espontânea entre a preferência por Fernando Collor e aquela exercida em 1960 com a eleição de Jânio Quadros.

A última eleição direta foi fácil para Jânio Quadros, e a primeira, depois de tanto tempo, parece fácil para Collor. Que pode haver de comum em tanta facilidade? Jânio Quadros se elegeu com ostensivo desprezo pela política, pelos políticos e pelos partidos. Collor se habilita, por esse lado, com uma incoerência modelar, e faz sucesso. A diferença é que agora são dois disputando os mesmos troféus depreciados.

Não interessa discutir se Collor conseguirá ir nessa batida até o fim, antes de entender como é que ele conseguiu convencer o eleitor a vir até aqui. Não se pode esquecer que é a vontade de ser enganado que gera o enganador. Mesmo que as pesquisas o despachem de volta, será conveniente saber como ele conseguiu tanto sucesso, mesmo temporário.